

# Cultura Fotográfica na Bahia: Osmar Micucci e a fotografia em Jacobina (décadas de 1950 e 1960)

Valter Gomes Santos de Oliveira

Professor de História da Universidade do Estado da Bahia, atuando no eixo de História da Europa, com concentração no período moderno. Possui mestrado em História Social pela Universidade Federal da Bahia e desenvolve pesquisas ligadas à história da fotografia e cidade.

## RESUMO

O presente artigo discute o olhar fotográfico de Osmar Micucci em Jacobina, cidade do interior baiano, entre as décadas de 1950 e 1960. Atuando como fotógrafo *free-lancer* na sociedade desde aquele período, ele produziu uma vasta obra que se destacou no universo dos fotógrafos da cidade pelo olhar refinado e variedade temática. Difundida em diferentes formatos e suportes, sua obra demonstra, entre outras coisas, as constantes transformações ocorridas no espaço cultural de Jacobina e a afirmação da fotografia como linguagem privilegiada para expressar os desejos daquela população pelos momentos vividos.

**Palavras-chave:** Fotografia; Cultura; Cidade.

## ABSTRACT

The present article discusses Osmar Micucci's photographic eye in Jacobina, a town in Bahian inland, between the decades of 1950 and 1960. Acting as a free-lance photographer in society since that period, he has produced a vast work which has been highly praised amongst the town's photographers due to his refined eye and thematic variety. Publicised in many shapes and forms, his work shows, among other things, the constant changes which have taken place in Jacobina's cultural space and the affirmation of photography as a privileged language to express the demands of that population for the moments they had lived.

**Keywords:** Photography; Culture; City.

## Cultura Fotográfica na Bahia: Osmar Micucci e a fotografia em Jacobina (décadas de 1950 e 1960)

Gosto de fotografar tudo! De preferência gente, e aquilo que se mexe, porém na sua forma mais natural, ou seja, quando não são percebidos que estão sendo fotografados, porque exatamente assim flagramos o lado real dos seus sentimentos, de suas ações, de seus olhares e do labor diário. É justamente na fixação destes momentos que me sinto envolvido encontrando o essencial das coisas, me descobrindo, me vendo, e, em síntese, conseguindo numa simples fotografia mostrar um veículo de comunicação.

Fotografando vou conhecendo gente e gravando estas verdades que me sensibilizam, congelo para a humanidade o que se passa numa pequena vila, cidade, estado ou país<sup>1</sup>.

Foi 'fotografando tudo', ou quase tudo, que Osmar Micucci deixou gravado seu nome no imaginário social de Jacobina. Atuando como fotógrafo durante as décadas de 1950 e 1980 ele produziu uma vasta obra que é destaque no universo da fotografia da cidade. Em diferentes formatos e suportes, ela é composta de milhares de imagens que demonstram, entre outras coisas, o processo de modernização do espaço urbano e a afirmação da fotografia como 'veículo de comunicação' bastante utilizado por diversos segmentos sociais. Mais do que 'se descobrir' Micucci revelou em suas imagens uma época em que a população local se reconhecia vivendo dentro da modernidade urbana, principalmente naqueles fins dos anos 50, buscando na fotografia a 'fixação destes momentos'.

As relações entre os fotógrafos e as cidades remontam aos primórdios da fotografia. No decurso do século XIX muitos fotógrafos produziram inúmeras obras sobre as cidades crescentes. O repertório de imagens existentes é enorme, uma vez que eles acompanharam tanto o cotidiano das grandes cidades em vias de modernização, a exemplo de Paris e do Rio de Janeiro, como até seus efeitos em pequenas cidades brasileiras. O significado do fotógrafo para as pequenas cidades brasileiras pode ser compreendido como fator de progresso visto que, até meados do século passado, o número de estúdios existentes era uma das formas de mensurar o nível de desenvolvimento. Por outro lado, as obras produzidas por esses fotógrafos constituem atualmente fontes importantes para se conhecer os traços homogêneos ou singulares dos efeitos das modernizações vividas pelas cidades do interior do Brasil.

### Cultura fotográfica

A presença da fotografia no cotidiano da sociedade contemporânea é uma evidência. Desde que fora criada, seu uso se deu em diversas áreas: documentos pessoais, criminologia, ciências, registros familiares, imprensa, administrações públicas e privadas, e em mais outros diversos campos. Pode-se dizer que o raio de ação da fotografia atingiu praticamente todos os tipos sociais

<sup>1</sup> Um dos raros escritos do fotógrafo Osmar Micucci encontrado em seu arquivo particular.

do planeta. A historiadora Maria Inez Turazzi, ao se referir ao aspecto da fotografia no Brasil, fala em 'cultura fotográfica' nacional por considerar a existência de uma cultura fotográfica mundial. Conforme a autora:

A cultura fotográfica, portanto, é também uma das formas da cultura, idéia reforçada pelo argumento de que a fotografia foi e continua sendo um recurso visual particularmente eficaz na formação do sentimento de identidade (pessoal ou coletiva), materializando em si mesma uma "visão de si, para si e para o outro", como também uma "visão do outro" e das nossas diferenças (TURAZZI, 1998, p. 9).

Conforme assegura Turazzi, a cultura fotográfica não se restringe apenas à bagagem profissional dos fotógrafos, 'onde se incluem os equipamentos, as escolhas formais e estéticas, bem como as diferentes tecnologias de produção da imagem fotográfica', mas também como prática social, incorporada ao modo específico como cada sociedade representa seu mundo. São através dos usos e funções do artefato fotográfico por determinada sociedade que se podem perceber os traços de uma cultura fotográfica. Evidentemente, isso não está restrito apenas à produção dos grandes e famosos fotógrafos e nem tampouco aos lugares consagrados de sua existência, como os espaços de museus, arquivos, redações de jornais e revistas, presentes nas grandes cidades. Isso porque:

[...] a cultura fotográfica de uma sociedade também se forma e se manifesta através da incorporação da fotografia em outros domínios da vida social, como o artesanato popular, as crenças religiosas e políticas, as sociabilidades familiares e urbanas, a inspiração artística ou literária. Quem mais além do poeta, diria

que "Itabira é apenas uma fotografia na parede. Mas, como dói!" (Carlos Drummond de Andrade, "Confidência do itabirano") (TURAZZI, 1998, p. 9).

Considerando a existência de uma cultura fotográfica no Brasil, com o desenvolvimento de técnicas e singularidades temáticas, percebo também as marcas de uma cultura fotográfica na cidade de Jacobina. Acredito que ali a fotografia cumpriu (e ainda cumpre) importante papel na formação do 'sentimento de identidade' a que Turazzi se refere. No presente artigo, ver-se-á que o jovem fotógrafo Osmar Micucci acompanhou de perto, e com uma visão particular, diversos momentos da história de Jacobina produzindo na segunda metade da década de 1950 um grande inventário de imagens responsáveis pela criação de uma visão da cidade para os seus e para outros.

Preocupada em registrar, e se ver registrada, a sociedade local encontrou na fotografia a maneira de materializar visualmente aqueles 'momentos de ouro' da história da cidade. O reduzido número de fotógrafos locais foi, portanto, convidado a dar conta de cobrir as cenas públicas e privadas do cotidiano da cidade<sup>2</sup>.

### Osmar Micucci e a fotografia em Jacobina

Osmar Micucci de Figueiredo, primogênito do casal Carolino Figueiredo Filho e de Berardina Micucci de Figueiredo, nasceu em 1938, no município de Djalma Dutra (atual Miguel Calmon), distante 30 km de Jacobina. Seu avô paterno era um conceituado comerciante, o Coronel Carolino Felissíssimo

<sup>2</sup> Através de dados obtidos a partir da minha pesquisa *Memória Fotográfica de Jacobina: investigações sobre os fotógrafos e suas obras na cidade*, até o momento existem cadastrados 6 fotógrafos atuando com estabelecimento na cidade no período desse estudo (1955-1963); sendo que, no início dos anos 50 com apenas 3; nos anos 60 aumentando para 6 e já nos anos 70 o número ampliou para 12. Acredito que existiram outros, mas até o momento sem nenhuma informação de seus estabelecimentos ou até de obras dos mesmos.

Figueiredo, que durante os tempos do Império exerceu a função de Coletor Geral na então Vila de Santo Antônio de Jacobina. Carolino Filho foi morar em Djalma Dutra no ano de 1933, onde lá instalou um estabelecimento comercial chamado *A Jacobinense*. O *Lidador*, único jornal de Jacobina na época, noticiou em alguns de seus exemplares os empreendimentos de Carolino Filho em Djalma Dutra, parabenizando a cidade pela aquisição daquele 'elemento progressista'. Ali Carolino passou a agitar o universo artístico e cultural, promovendo eventos e também fazendo fotografias.

Foi em Djalma Dutra que Carolino conheceu Berardina Micucci, jovem italiana natural da província de Potenza. Sua família migrou para o Brasil em 1928 quando ela tinha apenas quatro anos de idade. Em 1937 os dois se casaram, ele com trinta e seis anos e ela com treze. No ano seguinte, nasceu Osmar, o primeiro dos seis filhos que o casal tivera.

Osmar Micucci não chegou a conviver em Djalma Dutra porque em 1939, falecendo o seu avô Carolino Figueiredo, em Jacobina, sua família mudou-se para lá. Carolino pai havia deixado como viúva Maria Hermila Vieira de Figueiredo e os dois filhos, Carolino e Perolina. Ele estava com oitenta anos de idade quando faleceu, e segundo informa o jornal *O Lidador*, já não estava mais lúcido.

Quando, em fins dos anos trinta, Osmar Micucci e sua família chegaram a Jacobina, vivia-se ali um clima eufórico de progresso<sup>3</sup>. A cidade representava para a região um importante centro econômico, político e cultural. Na época, já contava com transporte

ferroviário, luz elétrica, hospital, escola pública, imprensa local, comércio diversificado e uma vida cultural agitada, pelo menos aos moldes de uma pequena cidade do sertão baiano, pois possuía cinema, clubes e um ativo calendário festivo. Some-se a isso o fato da crescente exploração de minas de ouro contribuindo com o grande afluxo populacional para a cidade e seu entorno<sup>4</sup>. Jacobina possuía também dois representantes na Assembléia Estadual, os deputados Francisco Rocha Pires e Amarílio Benjamin, o que garantia certo prestígio político na obtenção das obras públicas para a região.

Carolino Filho continuou exercendo a atividade de comerciante em Jacobina, onde desenvolveu ainda mais o gosto pela fotografia, garantindo-lhe uma renda paralela. O jovem garoto Osmar Micucci colaborava com o pai no comércio. Acometido por uma escoliose reumatisal, doença na coluna que lhe perturbou por longos anos, Carolino Filho saiu em busca de tratamento na Europa. Passando mais de um ano na Itália, trouxe de lá uma câmera *Zeiss Icon*, com a qual passou a trabalhar pelas suas andanças na região e fazendo, na cidade, diversos registros das ruas, casas e de sua família. Restam alguns negativos deste período e devido à raridade de registros visuais da cidade, apresentam-se hoje como documentos importantes para a história urbana local.

Osmar Micucci cresceu em Jacobina tendo contato com o universo fotográfico não somente através de seu pai, mas também de outros fotógrafos. Quando sua família foi morar na cidade por ali já haviam passado vários fotógrafos itinerantes que prestaram

<sup>3</sup> O jornal *O Lidador* foi um ardoroso divulgador das idéias de progresso na cidade durante a década de 1930. Em um dos seus diversos artigos sobre o tema aponta que a cidade vivia naqueles anos a "[...] sua fase de realizações". Cf. exemplar n° 38, de 25 de maio de 1934, p. 1 (*Jacobina progredindo*).

<sup>4</sup> A este respeito ver as dissertações de mestrado em História de Vanicléia Silva Santos *Sons, danças e ritmos: A Micareta em Jacobina-Ba (1920-1950)* e de Zeneide Rios de Jesus, *Eldorado sertanejo: Garimpos e garimpeiros nas serras de Jacobina (1930-1940)*.

serviços para a sociedade local, e outros também haviam instalado estabelecimentos temporariamente<sup>5</sup>.

Os itinerantes foram os responsáveis, na sua grande maioria, pela expansão da fotografia no Brasil. No século XIX uma grande leva de fotógrafos estrangeiros aportou no Brasil a fim de conseguir novos clientes para os seus serviços. Em Salvador, desde o século XIX existiam estúdios de estrangeiros e brasileiros disputando um mercado que cada vez mais crescia na cidade. Muitas famílias abastadas de Jacobina, quando iam à capital, geralmente traziam entre suas bagagens fotografias, tipo *carte-de-visite*, tiradas em estúdios. Por outro lado, os fotógrafos também arriscavam em partir para o interior em busca da expansão dos seus negócios<sup>6</sup>.

Durante os primeiros anos da década de 1920, o jornal *Correio de Jacobina* anunciava a atuação do fotógrafo Rosendo Borges na cidade. Encontrei raras fotografias de autoria de Borges, como as da comemoração do centenário da independência do Brasil, em 1922, na Praça Rio Branco<sup>7</sup>. A presença de um fotógrafo como ele na cidade constituía excelente oportunidade para os habitantes mais abastados serem fotografados nos locais preferidos da sua terra, como um retrato de Alfredo Martins posando no Rio do Ouro, e diversas outras fotografias encontradas no formato *cabinet*<sup>8</sup>. Rosendo Borges atuou também em algumas localidades da

região, como Canabrava e Campo Formoso, produzindo ali imagens que hoje possuem importante valor documental.

Foi no contexto da chegada da família de Micucci à Jacobina que recentemente havia sido instalado o *Photo Ideal*, estúdio de Juventino Rodrigues que marcou sensivelmente a *moda fotográfica* na cidade. Natural da vizinha cidade de Piritiba, ele fez carreira fotográfica em Jacobina e nela ganhou fama quando nos anos trinta e quarenta fotografou a sociedade local em seus rituais familiares e nos grandes eventos públicos, além de veicular muitas de suas imagens no jornal *O Lidador*.

Juventino Rodrigues se destacou em alguns aspectos na trajetória da fotografia em Jacobina. Foi ele o primeiro fotógrafo a produzir um cartão-postal da cidade, em 1937, abordando uma cena da construção da ponte Manoel Novais. O cartão-postal teve seu momento áureo entre o fim do século XIX e início do XX, mas em pequenas cidades interioranas, como Jacobina, ele só foi uma realidade nas décadas seguintes<sup>9</sup>.

Juventino Rodrigues produziu também uma vista panorâmica de Jacobina em 1948. Seu *Panorama de Jacobina* é uma rara vista do plano geral da cidade na época, formada por cinco fotos abordando a enchente ocorrida. As vistas panorâmicas chegaram a constituir uma moda durante certo período do século XIX no Brasil. Fotógrafos como Marc Ferrez, no Rio de Janeiro, se especializaram neste

<sup>5</sup> Ver: OLIVEIRA, Valter G. S. de. *Memória fotográfica de Jacobina: investigações sobre os fotógrafos e suas obras na cidade*. In: SAMPAIO, Alan e OLIVEIRA, Valter de (orgs.). *Arte e Cidade: Imagens de Jacobina*. Salvador: EDUNEB, 2006, p. 11-20.

<sup>6</sup> "Photographo - Abílio Cardozo – Chegando nesta cidade, onde pretende demorar-se alguns dias tira retrato de qualquer sistema, em casa de sua estadia e aceita chamados". Nota no Jornal Ideal n° 12, de 31 de julho de 1927.

<sup>7</sup> No artigo *Da Photographia à Fotografia (1839-1949)*, da fotógrafa Maria Guimarães Sampaio, publicado na recente coletânea *A Fotografia na Bahia (1839-2006)* ela aborda a presença do fotógrafo em Jacobina, no entanto, sem veicular nenhuma de suas imagens.

<sup>8</sup> Formato de apresentação de fotografias sobre papel que surgiu na Inglaterra em 1866 como uma evolução do formato cartão de visita, tendo portanto o mesmo tipo de apresentação, mas num tamanho maior, razão pela qual era dito de *cabinet*, de gabinete.

<sup>9</sup> A respeito do cartão-postal e seus usos ver o capítulo *O Cartão Postal: Entre a Nostalgia e a Memória*, do livro *Realidades e Ficções na Trama Fotográfica*, de Boris Kossoy, e o capítulo *A fotografia na Parahyba: Era Nova e a construção imagética da modernidade*, do livro *Fotografia na Paraíba*, de Bertrand de Souza Lira.

tipo de trabalho, desenvolvendo inclusive equipamento apropriado para este fim (TURAZZI, 2000, p. 28-30). Em Jacobina, ao que tudo indica essa *moda* também existia, visto que encontrei outras fotografias de vista panorâmica anteriores e posteriores à de 1948 de J. Rodrigues.

Apesar da importante contribuição de Juventino Rodrigues na composição de vistas urbanas de Jacobina, na opinião dos fotógrafos que conviveram com ele, foi na fotografia de estúdio que mais se destacou. No seu *Photo Ideal* produziu bastante trabalho de retratos da sociedade local, nos mais variados formatos tipo *carte-de-visite*, *cabinet* e também desenvolvendo técnicas como de retoque e coloração. Poucos fotógrafos na cidade trabalharam e desenvolveram bem esta técnica. Para Cirilo Rosa, um dos seus concorrentes na área, “[...] ele [Juventino] também retocava bem, e trabalhava muito bem<sup>10</sup>”. Segundo Lindenício Ribeiro, também fotógrafo, e sobrinho de J. Rodrigues,

Na realidade ele comercializava mais fotografias de estúdio e agora só que tinha uma particularidade, ele devido à inteligência, não havia luz elétrica no tempo, então fazia iluminação natural no estúdio e ficavam umas fotos parecendo foto de Salvador, de São Paulo e tinha o retoque nos negativos e ele melhorava muito. Até eu aprendi também com ele, trabalhei muito tempo com retoque, hoje não existe mais o retoque, só em computador que existe, mas, era retocada chapa a chapa, pessoa a pessoa, tirando rugas, sinais, melhorando até a pessoa ficar mais nova, mais bonito também. Ele era especialista nisso aí<sup>11</sup>.

A presença do estúdio de Juventino certamente atendia aos ensejos progressistas da cidade. Afinal, a população local não precisava mais se deslocar para os

grandes centros, como Salvador, para ter a oportunidade de produzir seu retrato em um estúdio com os mais básicos equipamentos. Não foi possível conseguir nenhum registro de como era o interior do estúdio *Photo Ideal* nos anos trinta. No entanto, segundo as lembranças relatadas por Lindenício, que conviveu com o fotógrafo desde os anos cinquenta, é possível ter alguma noção:

[...] eu via o sistema dele trabalhar que era com luz natural, me lembro até que tinha um couro de onça que botava lá como enfeite, com as fotos preto e branco dava um efeito muito bonito para tirar uma foto de criança sentada, outra com pessoas onde se equilibrava perto de uma mesa que ele tinha com o couro de onça.

Juventino também fazia uso de alguns dos acessórios utilizados nas grandes oficinas fotográficas existentes no Brasil no século XIX. Ainda que não se tenha detalhes de como era a estrutura do seu estúdio, pode-se ter noção a partir de como funcionava uma oficina fotográfica em fins do século XIX. Segundo Cândido Grangeiro, existiam diversas formas de oficinas fotográficas, mas para se fixar em uma cidade por um bom tempo era fundamental o uso de uma estrutura mínima:

[...] com um bom salão de poses, diversos equipamentos, mobília, bibelôs etc. Isso representava, então, um bom investimento de capital, pois só desta forma tornavam-se locais adequados para um público urbano que se sofisticava e desejava possuir retratos (GRANGEIRO, 2000, p. 65).

Provavelmente, o estúdio do fotógrafo em Jacobina, estivesse distante dos modelos das grandes oficinas fotográficas existentes

<sup>10</sup> Entrevista com o fotógrafo Cirilo Rosa em 05 de maio de 2005.

<sup>11</sup> Entrevista com o fotógrafo Lindenício Ribeiro em 3 de março de 2005.



em São Paulo, ou talvez Salvador, porque o investimento necessário era muito alto, mas certamente foi bastante satisfatório para a cidade. Pelo menos é o que sugere o jornal *O Lidador*, quando acentua a importância do investimento do jovem fotógrafo na realização de uma exposição de retratos no seu estúdio situado à Avenida Cel. Teixeira, nº 50, no ano de 1940.

O certame é, pois, digno do concurso de quantos se interessam pela Arte, e, mais que isso, pelo **progresso da cidade** que se rejubila em possuir um atelier à altura dos seus **credos de civilidade** (*O Lidador*, nº 330, 19/05/1940).

Destacando-se também em outros aspectos na fotografia em Jacobina, Juventino chegou a criar um 'club de retratos', que funcionou como forma de comercializar seus serviços fotográficos. O cliente que gostaria de adquirir uma dúzia de fotografias em formato de postais, poderia fazê-lo pagando vinte prestações semanais no valor de \$2000, ou pagar o restante caso optasse pelo formato de gabinete. *O Lidador*, na oportunidade, comentou sobre a importância do empreendimento do fotógrafo para a cidade.

Ahi está um empreendimento que merece acolhida de todos. O sr. Juventino é um moço esforçado e precisamos dar preferência aos seus serviços afim de que progrida a sua photographia, **coisa indispensável em uma cidade do interior**.

Amparemos o que é nosso! (*O Lidador*, nº 100, 11/08/1935).

A dificuldade de acesso aos produtos e equipamentos de fotografia, que a cada dia inovava nas grandes cidades, fazia com que os profissionais radicados nas cidades interioranas buscassem na arte do improvisado dar conta das suas necessidades. Juventino

Rodrigues foi notabilizado como um criativo improvisador, construindo modelos de ampliadores e *flashes* para uso pessoal. Estes inventos fazem parte das lembranças de Lindenício Ribeiro.

Por que na época não tinha ampliadores, aparelhos de ampliar só tinha em São Paulo, Salvador, Rio de Janeiro. Ele criou o ampliador, ele mesmo fez o ampliador manual, fez na prensa manual também. Além disso, eu me lembro, eu era menino me lembro que nas festas que tinha nos clubes a gente levava a máquina e ele bolou um tipo de *flash*, o primeiro *flash* que teve em Jacobina foi feito através dele com um amigo que era... esses caras que trabalha com pólvora, com fogueteira né? e eles projetaram uma pistola, uma coisa muito rudimentar, um processo que ele usava, aquilo lá causava a maior fumaceira no clube depois que acendia aquela luz lá. Ai ficava todo mundo esperando a fumaça passar pra poder enxergar os outros amigos que tavam ali. O primeiro *flash* que teve aqui foi meu tio quem inventou.

Considerando o fato de ter sido o profissional que mais tempo atuou em Jacobina, e pela abrangência da sua obra, Juventino Rodrigues foi um dos principais nomes na constituição de uma cultura fotográfica em Jacobina nas décadas de trinta e quarenta, tanto no aspecto artístico quanto no desenvolvimento do registro documental da cidade.

Um outro fotógrafo atuante em Jacobina, desde os anos trinta, foi Aurelino Guedes. Natural da cidade de Barra do Mendes, este fotógrafo circulou por muitos lugares e tudo indica que não tenha se fixado, em definitivo, na cidade nos anos trinta. Além da informação observada no jornal *O Lidador*, sobre a parceria instituída com Juventino Rodrigues, em 1938, para a realização de um trabalho no Estado de Minas Gerais (*O Lidador*, nº 248, 14/08/1935); foi possível ter acesso também a algumas fotografias,

seguramente das décadas de quarenta e cinqüenta, que fornecem informações do seu *Foto Guedes*; além dos anúncios publicitários no jornal *Vanguarda*.

Aurelino Guedes produziu sobre Jacobina, principalmente nas décadas de quarenta e cinquenta, importantes imagens fotográficas de eventos cívicos, feira-livre, vistas panorâmicas, cenas de rua e da vida privada. No seu olhar para a cidade, notadamente panorâmico, ele aborda o crescimento e desenvolvimento da urbe e as principais ruas e praças do seu centro, ao tempo em que pela qualidade técnica e pelo formato instantâneo, conseguiu flagrar cenas da sociabilidade e dos detalhes arquitetônicos em construções.

O jornal *Vanguarda* serviu como um veículo de divulgação dos trabalhos desse fotógrafo; em alguns dos seus exemplares, anuncia seus serviços para a população local e da região. Através dos mesmos, pode-se ter uma pequena idéia da difusão dos seus trabalhos fotográficos, produzidos nos mais variados suportes, como “*ampliações, reproduções, foto-jóias, estatuetas, portarretratos, retratos em porcelana para túmulos, gravuras religiosas, molduras em todos os estilos fotografia em geral*” ou também, “*fotografia de eleitor*”<sup>12</sup>. O jornal também chegou a veicular algumas imagens fotográficas do autor em seus exemplares. Só foi possível identificá-las por causa das legendas em algumas imagens e da sua identificação em outras, visto que o jornal não creditava as fotografias veiculadas, prática recorrente na época. A marca autoral das fotografias de Aurelino Guedes é a presença das legendas. Este tipo de recurso técnico já era bastante conhecido entre os fotógrafos brasileiros,

como Marc Ferrez e Augusto Malta, no Rio de Janeiro, ou Rosendo Borges e Juventino Rodrigues, em Jacobina. Nos anos quarenta, quando a obra de autoria vinha se afirmando no Brasil, no cinema e na fotografia, ele pelo visto, não quis que seu nome ficasse no anonimato na cidade.

Aurelino Guedes também produziu um álbum intitulado *Panorama de Jacobina*, em 1957, com o mesmo formato dos anteriores e enquadrando os mesmos ângulos, de maneira que sugere as metamorfoses da sua fisionomia urbana uma década depois. Possivelmente, seja dele a primeira fotografia de vista panorâmica, tanto pela sua proximidade com Juventino Rodrigues quanto pela técnica utilizada, associado ao fato da existência de uma legenda com o nome da cidade. Não encontrei maiores informações sobre as atividades deste fotógrafo e sobre sua formação. Lindenício Ribeiro lembra dele como um ‘fotógrafo dinâmico’, desenvolvendo com grande habilidade a prática de foto reportagem de rua.

Ele se associou com meu tio em muitos trabalhos. Trabalhava mais externo, o serviço de Aurelino era mais externo. Ele era o tipo de um repórter, inclusive, no fim da vida dele, ele foi para Brasília e ele foi contratado pelo governo lá de Min... o governo lá de Goiás, ou não sei se foi em Brasília mesmo.

Parece que o nomadismo era uma característica marcante na vida de Aurelino Guedes. Em um poema, de sua autoria, há referência ao êxodo forçado de sua família da cidade de Barra do Mendes por conta de questões políticas locais<sup>13</sup>. Em Jacobina ele não conseguiu fixar moradia por longo tempo ininterrupto.

<sup>12</sup> Anúncios publicados nos Jornais *Vanguarda*, n° 308, de 04 de setembro de 1955, p. 3, e n° 414, de 19 de outubro de 1957, p. 2, respectivamente.

<sup>13</sup> Poema publicado no jornal *Vanguarda*, n° 336, de 24 de março de 1956, p. 2 (*Barra do Mendes*).



Entre 1954 e 1955, Amado Nunes, outro importante nome na fotografia local, chegou a Jacobina. Natural de Mairi, na época um povoado pertencente ao município, ele foi um dos muitos que se dirigiram na época para a cidade, em busca de emprego e de espaço para a educação dos filhos. Por muitos anos exerceu a profissão de escrivão do cartório cível. Encontram-se publicados nos jornais *Vanguarda*, sua identificação como escrivão em diversos editais da comarca de Jacobina. Tudo indica que, neste período, ele já possuía os domínios técnicos da fotografia, pois foi justamente ele quem passou as primeiras instruções de revelação para o jovem Osmar Micucci.

Amado Nunes exerceu o ofício de fotógrafo como uma segunda atividade de renda. Ao que parece, apenas a profissão de escrivão era insuficiente para suprir as necessidades da família, composta de seis filhos. Durante as décadas de 1960 a 1970, ele trabalhou fazendo reportagens de casamento, aniversário, batizado, formatura, dentre outras atividades mais típicas de um fotógrafo *free-lancer*. Seu estúdio chamava-se “Nunes Foto” e funcionava em sua residência à Rua Manoel Novais, bem no centro da cidade. Suas fotografias, a princípio, indicam que ele era uma pessoa que viveu bastante a cidade. Ela era sua paisagem e ele estava atento aos seus detalhes. Tal qual um *flâneur*, foi conduzido pelas ruas, frequentou as praças, observou as pessoas, *olhou* para a cidade, tanto aquela que desaparecia quanto a que surgia de suas ruínas<sup>14</sup>. Ainda que não tenha executado profissionalmente suas primeiras fotografias em Jacobina, Amado Nunes deixou um grande conjunto de imagens da cidade entre as décadas de 1950 a 1970.

Especializado em fotografias de eventos, Amado Nunes não deixou escapar pelas lentes de sua máquina as transformações ocorridas na fisionomia urbana de Jacobina. Ele registrou as construções dos novos prédios no centro e das residências na periferia da cidade; acompanhou ano a ano a criação da estrada de asfalto que ligava Jacobina à Salvador, assim como a expansão do crescimento urbano, visto do alto das serras.

Amado Nunes chegou a editar um pequeno álbum da cidade, intitulado *Lembrança de Jacobina-Bahia*. A iniciativa de lançar o álbum, provavelmente privada, certamente foi para atender aos desejos de consumo da população por lembranças visuais da cidade. Os álbuns de cidade foram uma constante no Brasil do século XIX. Lançados por fotógrafos ou ateliês, eles funcionavam como *souvenirs*, juntamente com os cartões-postais, na fase industrial da fotografia. Segundo as historiadoras Solange Ferraz e Vânia Carneiro o álbum de cidade é um tipo de publicação iconográfica na qual são aglutinadas, segundo um arranjo específico, fotografias que pretendem representar diversos aspectos da cidade.

Amado Nunes foi um dos últimos fotógrafos representativos que produziu imagens em negativos 6x6cm em preto e branco. Presente em diversos momentos significativos da fase das grandes transformações ocorridas no tecido urbano de Jacobina, ele, como testemunha ocular produziu um conjunto de registros visuais em que se destaca o olhar atento ao que estava acontecendo na urbe, enfocando tanto suas mudanças quanto permanências. Entre os vários negativos que encontrei de sua produção, existem diversas

<sup>14</sup> Walter Benjamin fala que “[...] a rua conduz o flâneur a um tempo desaparecido” (1991, p. 185).

imagens feitas sequencialmente como uma atividade de perseguição das mudanças na paisagem urbana. Em algumas delas, após juntar as peças, como num quebra-cabeça, notei que o autor tentou estabelecer uma linha contínua, numa narrativa visual, da desativação da linha férrea ao surgimento da via asfáltica. Em 1986, o fotógrafo falece em Salvador, onde já morava há alguns anos.

De acordo com muitos depoentes em Jacobina, a moderna fotografia na cidade foi introduzida por Osmar Micucci. A compreensão, neste caso, do caráter de moderno, para além do aspecto estético, está relacionada ao tipo de equipamento, mais compacto, ao *flash* eletrônico, ao formato das cópias, à utilização da foto-montagem, à introdução da fotografia colorida e ao desenvolvimento da fotografia de reportagem.

A fotografia moderna surgiu no Brasil por volta dos anos 40, na cidade de São Paulo. Segundo Helouise Costa e Renato Rodrigues (1995),

[...] a produção moderna pautou-se pela tentativa de alargar as possibilidades estéticas do aparelho fotográfico.

O fotógrafo moderno procurou romper com o padrão da fotografia tradicional, onde o caráter do belo ocupava lugar central. As atitudes desses fotógrafos, atentos às questões urbanas do seu tempo, marcaram-se pela inserção de certos experimentalismos técnicos a serviço de uma estética que ia além da representação formal do belo. Os introdutores da fotografia moderna no Brasil deixaram profundamente marcados nas suas obras os impactos da expansão de São Paulo. Talvez residam neste aspecto as considerações à obra de Osmar Micucci em Jacobina.

Osmar Micucci cresceu e estudou em Jacobina, começando a trabalhar desde cedo. O comércio de seu pai já não garantia uma grande renda e quando, aos poucos sua saúde se debilitava, o rapaz de treze anos passou a colaborar com a renda familiar trabalhando precocemente. Segundo ele, não tendo sido um aluno aplicado na escola, o foi na fotografia. Conforme informações em seus apontamentos, os primeiros experimentos fotográficos foram feitos por volta de 1947, quando contava com apenas nove anos. No seu arquivo particular encontrei os primeiros negativos, feitos durante os festejos do desfile de Sete de Setembro de 1950, com as indicações técnicas sobre abertura e exposição. Nos seus depoimentos, Osmar Micucci descreve com muita empolgação os seus momentos iniciais com a câmera do pai, a *Zeiss Icon*, e as anotações que fazia a partir das orientações do mesmo. Depois dos primeiros experimentos com o seu pai, ele não largou mais uma câmera e passou a estudar a fotografia como um aluno aplicado. Sempre inconformado com os erros, era a partir deles que buscava melhorar, quando corrigia as fotografias que havia feito e não aprovava.

Como profissional da fotografia, no universo cultural da Jacobina dos anos cinquenta e sessenta, o jovem Micucci foi um dos mais requisitados para produzir as imagens daqueles momentos especiais vividos pela população local. Na era da mídia visual dos grandes centros urbanos, caracterizada pelo nascimento da televisão e pelo auge do cinema, em Jacobina a sua fotografia cumpria este papel midiático. Dessa forma, no contexto em análise, a posição ocupada pelo fotógrafo era a de um profissional de destaque, ou seja, seu sentido do trajeto social era de ascensão naquela sociedade. Ascensão garantida seja pelo

caráter da profissão ou pelo mérito particular de cada um deles. Um depoimento de Osmar Micucci acerca da sua profissão na época é bastante significativo:

[...] a minha profissão, esse foi o maior ganho que eu tive em todas as áreas porque eu com o tempo fui ganhando a confiança pela integridade e ética que eu sempre tive, essa ética na fotografia fez eu penetrar em todas as camadas sociais e daí pra mim, eu acho, o maior crescimento que tive foi esse, mais do que o financeiro [...] (MINUCCI, 13/05/2005)<sup>15</sup>.

Um aspecto merece consideração a respeito do acervo de Osmar Micucci. Estimado em mais de 80 mil negativos, ali encontrei diversas informações sistematicamente organizadas por temas e épocas em centenas de envelopes. Ainda que pudesse ser indiferente quanto ao ofício do historiador, ele demonstrou na sua prática a importância em arquivar todos os registros, das fotos às anotações técnicas, como se acreditasse que um dia eles fossem fundamentais para a escrita da história local.

A segunda metade da década de cinquenta foi bastante significativa na formação e carreira do jovem Osmar Micucci. Já trabalhando como fotógrafo social e de reportagem, ele, entre os anos de 1955 e 1956, produziu uma série de fotografias por contratação. Nos seus arquivos de 1955, entre cerca de cem imagens, encontrei fotografias de pessoas, distribuídas entre retratos individuais e de grupos, cenas de desfiles cívicos e de partidas de futebol. Não se vê ali a cidade senão como pano de fundo das cenas de pessoas. Quanto ao aspecto estético das fotografias, nota-se um despojamento do jovem fotógrafo quando

registra cenas de partidas de futebol, como ainda não visto nas fotografias anteriores feitas na cidade. Em vários instantâneos, se vê cenas congeladas dos movimentos dos corpos e da bola, com imagens de composições que fugiam do padrão convencional existente em Jacobina, como uma fotomontagem feita a partir deste tema na década de 1960.

Dos seus negativos de 1956, existem centenas de imagens distribuídas entre vistas externas da cidade, procissões religiosas e desfiles escolares pelas ruas, cenas internas nas igrejas, retratos de pessoas e imagens que denotam o interesse documental para as novidades surgidas, a exemplo do prédio do ginásio Deocleciano Barbosa de Castro; da Praça Rio Branco, depois de pavimentada a paralelepípedos naquele ano; da Avenida Beira-Rio em construção, localizada em frente à margem esquerda do Rio Itapicurú-Mirim; do prédio de correios e telégrafos, recentemente construído na Rua Senador Pedro Lago; do prédio das instalações do Hospital Regional; do Posto de Saúde, etc. Outras imagens também merecem atenção, como as de residências particulares em diversas ruas. Com estes variados temas, notei que o jovem profissional Osmar Micucci havia ampliado seu campo de abordagem como fotógrafo na cidade. Enquanto seus trabalhos anteriores ficaram restritos aos retratos sociais, nestes se encontram, além deste tipo de abordagem, a de registros de patrimônios e reportagens de rua.

Durante esta fase inicial, Osmar Micucci adquiria os produtos e equipamentos em Salvador, onde também revelava seus negativos. Foi ali que teve contato com o estúdio do eminente fotógrafo Leão Rozemberg. Dentro do universo da *smart society* soteropolitana dos anos cinquenta,

<sup>15</sup> Entrevista com o fotógrafo Osmar Micucci realizada em 13 de maio de 2005.

Leão Rozemberg era o fotógrafo mais caro, e o melhor, conforme a coluna *Krista* do jornal *Estado da Bahia* (CARVALHO, 1992, p. 59). A Bahia vivia naquele momento uma fase importante dentro da fotografia e cinematografia brasileira. A chegada do fotógrafo francês Pierre Verger, em 1946, na opinião de Gustavo Falcón teve o poder de elevar estética e antropologicamente a linguagem local, fato permitido pelas andanças internacionais do fotógrafo e por sua forma de abordar a realidade. A cidade do Salvador foi marcada pela presença de diversos estúdios fotográficos que

[...] dividiam o tempo entre o atendimento a particulares e a produção de postais sobre pesca de xaréus, capoeira e baianas para vender aos turistas. Leão Rozemberg e Vavá Tavares, aliás, foram os pioneiros na fotografia a cores entre nós, introduzindo essa técnica em 1952 (FALCÓN, 2006, p. 83).

Diversos cineastas vinham filmar no Bahia como também alguns novos cineastas locais, e Leão Rozemberg empreendeu projetos nesta área, além de ser bem conceituado como fotógrafo na sociedade soteropolitana. Ao visualizar o estúdio daquele eminente fotógrafo, Osmar Micucci sonhava em desenvolver com a mesma qualidade técnica as atividades em Jacobina. No entanto, somente quando Amado Nunes lhe aconselhou a revelar pessoalmente suas fotografias, foi que, sob suas orientações, teve as primeiras lições de revelação e ampliação. A partir daí ele seguiu adiante seus próprios estudos, adquirindo livros de bolso sobre os segredos da fotografia.

O fotojornalismo, surgido em meados dos anos 20 nos grandes centros urbanos, já ocupava, nos anos cinquenta, as páginas dos jornais baianos de maior porte, como o *A Tarde* e o *Jornal da Bahia*, da capital do Estado. Em Jacobina, o jornal *Vanguarda* possuía

parcos recursos técnicos em matéria de impressão, e as fotografias não ocupavam um significativo espaço em suas páginas, muitas vezes sendo repetida uma foto em várias edições. A despeito da ausência de fotografias jornalísticas veiculadas no *Vanguarda*, em 1957, Osmar Micucci já se destacava fazendo reportagens fotográficas na cidade. Em março daquele ano ocorreu uma enorme enchente, onde os dois rios foram transbordados derrubando inúmeras residências (*Vanguarda*, nº 386, 23/03/1957). Osmar Micucci fez uma importante cobertura fotográfica daquele acontecimento, abordando imagens do centro e da periferia da cidade invadidos pelas águas dos rios. No mesmo ano, ele também fez reportagem dos eventos festivos ocorridos, como a Festa do Divino Espírito Santo e a Festa dos Cometas, mas, em sua opinião, a visita do presidente Juscelino Kubitschek foi a reportagem mais marcante produzida na época. Aquele evento histórico, inédito em Jacobina, exigiu do jovem fotógrafo a rapidez e a qualidade técnica que se esperava para cobrir e apresentar os resultados do trabalho realizado.

Em 1958 Osmar Micucci estava produzindo cada vez mais fotografias na cidade. Entre os arquivos de negativos encontrei imagens de procissões religiosas, inauguração de cinema e também dos bailes da micareta, ocorridos nos clubes 2 de Janeiro e Aurora. Neste último, aconteceu naquele ano uma Festa de Roda Inglesa, onde o fotógrafo registrou as diversas crianças participantes. O fotógrafo também deixou fixadas diversas cenas de uma Gincana de Lambreta, quando um grupo de Salvador, presente na cidade, participou com suas máquinas barulhentas cortando as principais artérias da cidade. Entre elas, imagens descontraídas e hilárias com condutores de jogos desfilando pelas mesmas ruas.

Com a vitória de Florivaldo Barberino nas eleições municipais de 1958, Osmar Micucci trabalhou para aquela administração fazendo a cobertura de toda a sua gestão, desde a posse até o final do seu mandato, em 1963. Micucci documentou praticamente todos os momentos políticos do prefeito: das intervenções urbanas promovidas na cidade, às inaugurações de obras públicas ou visitas de personalidades políticas, como a de Jânio Quadros em 1960. Onde tivesse a marca da administração do prefeito Barberino o fotógrafo estava lá. Para ele, aquela foi sua maior cobertura fotográfica em uma administração municipal. Essa característica da obra de Micucci, marcada pelo olhar oficial, é comparável à de Augusto Malta no Rio de Janeiro.

O jornal *Vanguarda* foi importante como forma de divulgar os serviços fotográficos dos profissionais na cidade. Na edição de 15 de maio de 1960, aparece o seu primeiro anúncio comercial, o *Foto Micucci*, onde indica sua “*expecialidade (sic) em reportagens de: casamento, batizado, aniversários, instantâneos de crianças e familiares etc.*” Micucci passou a desenvolver também a venda de equipamentos e de serviços para amadores na cidade, como revelações, cópias, ampliações, máquinas, filmes, papéis, álbuns. Nos seus serviços para os clientes inaugurou uma série de novidades na confecção dos álbuns produzidos, como mudanças no formato e nos enquadramentos ousados, o que garantia uma ampla procura pelos seus serviços.

Na década de 1960, Osmar Micucci se consolidava como o fotógrafo mais requisitado da cidade. Com olhar refinado e técnica aprimorada, características encontradas entre os principais expoentes do ramo, ele passou

a ser convocado a prestar inúmeros serviços ao poder público e a diversos particulares. Ao longo dessa década, e das seguintes, através de suas lentes ele explorou uma diversidade de temas, alguns incomuns a outros fotógrafos na cidade, fazendo com que seu nome ficasse definitivamente gravado na cultura fotográfica de Jacobina.

### O olhar fotográfico de Osmar Micucci



Partida de Futebol (1955)



Festa de Nossa Sra. da Conceição (1956)





Enchente (1957)



Gingana da Lambreta (1958)



JK em discurso na Praça Rio Branco (1957)



Jânio Quadros em campanha (1960)



Saltando no rio (1958)





Lavadeiras no Rio do Ouro (1958)



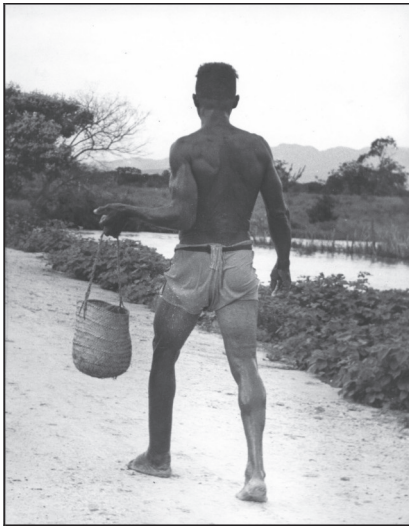
Baile da Micareta (1958)



Bloco dos Cães na Micareta (Década de 1960)



Vista noturna da Praça Rio Branco (1962)



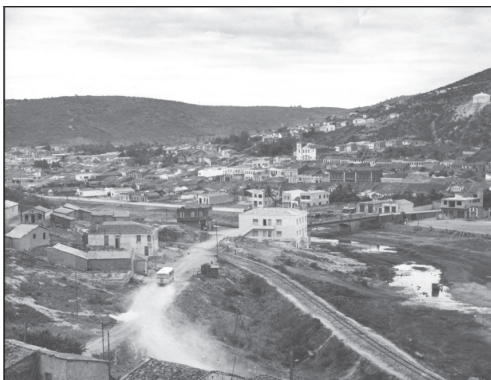
Sem-teto (Década de 1960)



Montagem de goleiro (Década de 1960)



Filarmônica (1960)



Vista da cidade (1960)



Reportagem sobre tragédia de avião (1969)

## Referências

- BENJAMIN, Walter. Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. In: *Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- CARVALHO, M. S. S. *Imagens de um tempo em movimento: cinema e cultura na Bahia nos anos JK (1956-1961)*. 1992. Dissertação. UFBA, 1992.
- CLUB de retratos. *Jornal o lidador*, n. 100, p. 4, 11/08/1935.
- EXPOSIÇÃO de retratos. *Jornal o lidador*, Vitória de Santo Antão, PE, n. 330, p. 1, 19/05/1940.
- FALCÓN, Gustavo. Notas, nomes e fatos da fotografia baiana (1950-2006). In: ALVES, Aristides (Coord.). *A fotografia na Bahia (1839-2006)*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo; Funcultura; Asa Foto, 2006.
- JESUS, Z. R. *Eldorado sertanejo: Garimpos e garimpeiros nas serras de Jacobina (1930-1940)*. 2005. Dissertação. UFBA, 2005.
- MINUCCI, Osmar. *Entrevista*. 13/05/2005.
- OS PREJUÍZOS causados pelas chuvas. *Jornal Vanguarda*, n. 386, p.1, 23/03/1957.
- OLIVEIRA, Valter G. S. de. Memória fotográfica de Jacobina: investigações sobre os fotógrafos e suas obras na cidade. In: SAMPAIO, Alan; OLIVEIRA, Valter de (Org.). *Arte e Cidade: imagens de Jacobina*. Salvador: EDUNEB, 2006.
- SANTOS, V. S. *Sons, danças e ritmos: A Micareta em Jacobina-Ba (1920-1950)*. 2001. Dissertação. PUC. São Paulo, 2001.
- TURAZZI, Maria Inez. *Marc Ferrez. Espaços da arte brasileira*. São Paulo: Cosac & Naify, 2000.
- \_\_\_\_\_. Uma Cultura Fotográfica. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, São Paulo, n. 27, 1998. 1 Fotografia.
- VIAJANTES. *Jornal o lidador*, Vitória de Santo Antão, PE, n. 248, p. 4, 14/08/1938.

